



30^o CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE

Eixo 4 - Ciência da Informação: diálogos e conexões

Modalidade: trabalho completo

Construção de Assunto na Perspectiva da Classificação Decimal de Dewey

Subject building from the perspective of Dewey Decimal Classification

Brisa Pozzi de Sousa – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Ana Luiza Lima Ferreira – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Resumo: Sistemas de classificação são instrumentos para estruturação do conhecimento produzido, como é o caso da Classificação Decimal de Dewey, uma linguagem artificial, sistemática, hierárquica e decimal. Os números de classificação são resultado do processo de análise e tradução, representando, a partir da síntese, o conteúdo do documento. Soma-se o fato desses números resultarem a organização de acervos com a localização relativa de cada documento. Identificar a padronização das regras de construção de números, a partir de uma abordagem bibliográfica e descritiva é o foco desse trabalho. São quatro formas de construção de números, e, para além do processo, compreender o seu objetivo é relevante para analisar a funcionalidade, bem como a escolha de uso, ou não, do instrumento.

Palavras-chave: Classificação Decimal de Dewey. Construção de Número. Construção de assunto. Número de Classificação.

Abstract: Classification systems are instruments for structuring the knowledge produced, such as the Dewey Decimal Classification, an artificial language, systematic, hierarchical and decimal. Classification numbers are the result of the analysis and translation process, representing, from the synthesis, the content of the document. In addition, these numbers result in the organization of collections with the relative location of each document. Identifying the standardization of the rules for constructing numbers, based on a bibliographic and descriptive approach, is the focus of this work. There are four ways of constructing numbers, and, in addition to the process, understanding their purpose is relevant to analyze the functionality, as well as the choice of whether or not to use the instrument.

Keywords: Dewey Decimal Classification. Number building. Subject building. Classification number.



1 INTRODUÇÃO

A classificação é um processo mental intrínseco ao ser humano e o vínculo bibliográfico, com o objetivo de organizar acervos, é foco de investigação da Biblioteconomia, ganhando expressão entre os séculos XIX e XX. Desse modo, em se tratando de acervos físicos de bibliotecas, a classificação bibliográfica possui tanto o papel de recuperação da informação quanto de ordenação do acervo, proporcionando a sua localização relativa nas estantes (Piedade, 1983).

Sistemas de classificação são instrumentos para estruturação do conhecimento em uma ordem que propicie a organização e a recuperação de registros bibliográficos, que são informacionais. Há vários, sendo popular a Classificação Decimal de Dewey (CDD), em inglês *Dewey Decimal Classification* (DDC), baseado numa estrutura lógica, na qual os conceitos, sendo eles pré-determinados pela própria história e evolução do conhecimento, correspondem a um código identificador, que é temático (Piedade, 1983). Portanto, caracteriza-se por ser uma linguagem artificial que envolve símbolos e sinais representativos de assuntos.

A classificação bibliográfica junto aos seus fundamentos teóricos pode ser vista tanto como processo quanto como produto. A almejada exatidão é associada a ideia de um número de classificação adequado (produto), para determinado documento, atrelado a um contexto. No entanto, o processo de classificar é envolvido por diferentes elementos, como por exemplo, o tipo de acervo e a comunidade que fará uso dele, a política de classificação, profissional que executará, bem como o seu contexto sociocognitivo, as condições de trabalho, dentre outros pontos. Para além disso, também há elementos intrínsecos ao instrumento, atrelados a visão de mundo, de tempo e de espaço das pessoas responsáveis por sua criação e atualização. Dito de outra forma, não são instrumentos neutros e, tão pouco, isentos de vieses.

O processo de classificação envolve a prática metodológica e o conhecimento do instrumento a ser empregado somando-se olhar crítico. A análise conceitual do documento a ser classificado abrange a percepção do seu conteúdo, ou seja, assunto, a ser traduzido com uso do instrumento. Nesse contexto, a tradução envolve o instrumento, no caso desse trabalho a CDD, e a compreensão da sua estrutura conceitual e sistemática.



O número de classificação é o produto resultante da análise e da tradução, que é a representação numérica do assunto e, por conseguinte, a síntese numérica do conteúdo do documento. O número de classificação irá compor o número de chamada, que é a marcação do livro na estante, ou seja, a sua posição relativa no espaço, seguindo a definição do esquema de classificação. Há que se destacar termos caracterizantes do processo, como notação, número de classificação e número de chamada, indicados na Introdução da CDD, sem o devido aprofundamento. Também na abertura da Introdução há direcionamentos dos princípios básicos e da sua estrutura, sendo possível deparar-se com 14 itens (com subdivisões), elencando diferentes elementos. A Introdução consultada para esse trabalho foi da 23ª edição impressa.

Os estudos sobre a CDD, em português, abordando a construção de números de classificação são tímidos e, por isso, o foco desse trabalho centrar nas regras estabelecidas no próprio instrumento, listadas na Introdução. Portanto, objetiva sistematizar e analisar criticamente as regras de construção de números na 23ª edição da CDD, a fim de aprimorar a prática biblioteconômica no Brasil, permitindo uma aplicação crítica dessas regras.

Soma-se o emprego de criticidade para uso da CDD e, para tanto, compreender o que é sistematizado torna-se importante. Para além disso, entender o processo vai além do uso do instrumento - o 'por que' é sabido, pois padronização é o pilar de instrumentos de representação. Mas, 'para que' construir números de classificação torna-se relevante? Parte-se do pressuposto das regras de construção ampliarem o próprio entendimento sobre a representação de assuntos, pois convencionam ações que precisam ter relação com o objetivo final, que é a recuperação.

Para tratar o que se propõe, o trabalho segue estruturado em quatro seções, além dessa primeira que é introdutória. A seção dois trata do percurso metodológico. Já a seção três apresenta a discussão teórica em que pese a análise do instrumento em foco, a partir da construção de assunto pelo número de classificação, em específico, as regras. Por fim, na quarta e última seção, considerações são apontadas.



2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo é resultado do projeto de ensino intitulado ‘Análise conceitual de assuntos para o uso do instrumento Classificação Decimal de Dewey,’¹ vinculado a disciplina obrigatória Sistemas de Organização do Conhecimento I, do curso de bacharelado em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), com orientação da primeira autora à segunda.

Tornou-se necessário a análise, o confronto e a sistematização das regras apresentadas na Introdução da 23ª edição da CDD, última edição impressa. Não se perdeu de vista o referencial teórico brasileiro, a partir de autoras clássicas, como Piedade (1983), Barbosa (1965) e Lentino (1959).

A pesquisa é caracterizada como descritiva e, obviamente, apoiada em buscas bibliográficas, que foram realizadas no final de junho e início de julho do corrente ano, na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), considerando todo o seu recorte temporal (1962-2024). Com a expressão ‘construção número classificação’, com e sem a sigla CDD, selecionando a opção todos os campos, ou, mesmo realizando individualmente a busca por cada um dos campos (título, resumo, palavras-chave e todos), o resultado foi nulo. Ao usar a expressão ‘classificação decimal de dewey’, 51 itens foram recuperados, porém, ao especificar a mesma expressão selecionando unicamente o campo título, o número foi reduzido para 13, sendo 1 duplicado e, assim, totalizando 12 itens. Segue o registro da busca na figura 1.

¹ Projeto registrado na Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), com o número 2150483/2024. Consulta disponível em: https://sistemas.unirio.br/projetos_ensino/

Figura 1 - Resultado da busca realizada na Brapci

Selecionar 13 resultados

Resultado da busca

Mostrando 13 de 13 resultado(s)

| | | |
|--|---|------|
| | <input type="checkbox"/> Para entender a classificação decimal de dewey Martha Eddy K. King Bonotto Capítulo de livro - Para entender a classificação decimal de dewey, 2020 Capítulo de Livro | 2020 |
| | <input type="checkbox"/> Para entender a classificação decimal de dewey Martha Eddy K. King Bonotto Capítulo de livro - Para entender a classificação decimal de dewey, 2020 Capítulo de Livro | 2020 |
| | <input type="checkbox"/> Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal - CDU e a Classificação Decimal de Dewey - CDD Lucas Veras de Andrade; Dayane Bruna; Wesleyne Nunes de Sales BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. v. 25, n. n. 2, 2011 Artigo | 2011 |
| | <input type="checkbox"/> A classificação decimal de Dewey e a cultura de paz. Iuri Rocio Franco. Rizzi A classificação decimal de Dewey e a cultura de paz., 2007 Trabalho em Evento | 2007 |
| | <input type="checkbox"/> Proposta de expansão da classe Espiritismo na Classificação Decimal de Dewey Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda; Fernanda de Moura Caban Logeion: filosofia da informação, v. v. 7, n. n. 1, 2020 Artigo | 2020 |
| | <input type="checkbox"/> Considerações gerais sobre a 18.ª edição da Classificação Decimal de Dewey Noemia Lentino Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. v. 1, n. n. 2, 1973 Artigo | 1973 |
| | <input type="checkbox"/> Classificação Decimal de Dewey: uma análise das regras de construção de notação Michely Jabala Mamede Vogel; Juliana de Mesquita Pazos Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. v. 20, 2024 Artigo | 2024 |
| | <input type="checkbox"/> Representação do conceito de mulher na Classificação Decimal Dewey (CDD) a na Classificação Decimal Universal (CDU): duas perspectivas sobre o mesmo conceito? The representation of woman's concept in the Decimal Dewey Classification (DDC) and in the Universal Decimal Classification (UDC): two perspectives for the same concept? Maria da Graça Simões; Blanca Rodríguez Bravo; Olivia Pestana Liinc em revista, v. v. 14, n. n. 2, 2018 Artigo | 2018 |
| | <input type="checkbox"/> Religião e cultura periféricas: a representação do islamismo na classificação decimal de dewey Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda; Fabio Gomes da Silva Logeion: filosofia da informação, v. v. 5, n. n. 2, 2019 Artigo | 2019 |
| | <input type="checkbox"/> Classificação das artes no sistema decimal de dewey: reflexões sobre sua gênese e seu uso Verônica de Sá Ferreira; Rodrigo de Sales Classificação das artes no sistema decimal de dewey: reflexões sobre sua gênese e seu uso, 2019 Trabalho em Evento | 2019 |
| | <input type="checkbox"/> Classificação Decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela Rede de bibliotecas da UFMG Michelle Umbelino; Elisângela Cristina Aganette Biblionline, v. v. 13, n. n. 3, 2017 Artigo | 2017 |
| | <input type="checkbox"/> Ontogenia do assunto música na classificação decimal de dewey: uma análise da divisão 780 Fernanda Carolina Pegoraro Novaes; Walter Moreira Ontogenia do assunto música na classificação decimal de dewey: uma análise da divisão 780, 2021 Trabalho em Evento | 2021 |
| | <input type="checkbox"/> Ontogenia da divisão 780 (música) na Classificação Decimal de Dewey Fernanda Carolina Pegoraro Novaes; Walter Moreira; Isabela Santana de Moraes Scire Scire: representación y organización del conocimiento, v. v. 25, n. n. núm., 2019 Artigo | 2019 |

Fonte: Brapci

Dos 12 itens, encontram-se: 1 artigo abordando a 18ª edição da CDD (Lentino, 1973); 1 artigo comparativo entre CDD e CDU (Andrade, Bruna, Sales, 2011); 1 artigo



sobre motivações para uso da CDD por uma rede de bibliotecas (Umbelino, Aganete, 2017); 1 capítulo de livro discorrendo história, características e estrutura da CDD (Bonotto, 2020); 7 artigos realizando críticas e apresentando/discutindo conceitos que urgem revisão no instrumento – Cultura e Paz (Rizzi, 2007); Mulher (Simões, Rodríguez Bravo, Pestana, 2018); Islamismo (Miranda, Silva 2019); Espiritismo (Miranda, Caban, 2020); Arte (Ferreira, Sales, 2019); Música (Novaes, Moreira, Moraes, 2019 e Novaes, Moreira, 2021) – e 1 artigo copilando regras da Introdução para a construção de notações a partir da CDD (Vogel, Pazos, 2024).

Desses, o último e mais recente artigo tem proximidade com este estudo, entretanto, há distinção na análise e sistematização de formas autorizadas para a construção de números, que envolve a construção de assunto, refletindo na representação do documento. Nesse sentido, diferente de Vogel e Pazos (2004), almeja-se compreender em quais situações o processo de construção de números é possível na perspectiva da CDD.

3 A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E A CONSTRUÇÃO DE ASSUNTO PELO NÚMERO DE CLASSIFICAÇÃO DA CDD

No Brasil, os clássicos *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica* de Barbosa (1969), *Introdução à teoria da classificação* de Piedade (1983), e *Classificação Decimal* de Lentino (1959), são referenciais que marcam/marcaram a área.

De acordo com Barbosa (1969, p. 13), a ordem lógica que levou os filósofos a organizar o conhecimento humano reflete “[...] a razão pela qual o estudo das classificações bibliográficas sempre nos conduz a mais elementar definição de classificação, que é, em lógica: “um processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamento, são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam”. É possível notar a ação envolver dois pontos: aproximação e distanciamento.

Piedade (1983, p. 16) explica a ação consistir na divisão em grupos ou classes, considerando diferenças e semelhanças, portanto, coaduna com Barbosa (1969). Ainda salienta que classificar “é dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos.”(Piedade, 1983, p. 16). A



disposição de conceitos existe, pois há o plano mental de quem realiza a ação – o ser humano.

Já Lentino (1959) indica a ação agrupar elementos semelhantes como a definição mais simples para classificação. Segundo a autora, a diferença gera valor negativo ao processo, pois a importância deve recair sobre a semelhança, mas para usar uma é necessário compreender a outra para o que se espera.

A classificação bibliográfica é um processo organizador, agrupador e codificador dos documentos nas prateleiras e dos registros deles nos catálogos. Isso é possível, a partir da organização do conhecimento no instrumento de classificação, através de símbolos, sejam eles gráficos ou numéricos, que descrevem o conteúdo dos documentos de forma sintética.

No cotidiano da vida acadêmica relacionada ao ensino de disciplinas sobre classificação, no curso de bacharelado em Biblioteconomia, incentiva-se discentes na compreensão do processo ser holístico, intelectual e conceitual. Para escolha do instrumento, dentre outras atividades que envolvem o processo, torna-se necessário a construção de uma política de classificação.

Em relação as etapas para realização do processo de classificação, a leitura técnica do documento torna-se relevante, sendo impossível lê-lo na íntegra. Ela subsidiará a análise conceitual, sendo possível, a partir disso, gerar uma declaração de assunto, ou uma frase, portanto, uma síntese que represente o conteúdo do documento. Não se pode perder de vista que um único documento pode abordar vários assuntos.

Para que o processo de construção de números aconteça é necessário a primeira etapa não ser negligenciada. A análise conceitual permite a definição do foco disciplinar do documento e a especificação do assunto, que desencadeará a segunda etapa, a tradução. A leitura pode ser realizada pelo título, pela análise do índice ou sumário do documento, por sua introdução e prefácio, ou até, pela leitura de partes do documento como um todo. Após a definição do assunto, quem classifica é capaz de compreender a disciplina que o assunto se destina (Classificação Decimal de Dewey, 2011).

Em se tratando da construção de números de classificação é comum observar na literatura a utilização dos termos construção de número, construção de notação ou construção de número de classificação e, em muitos casos, esses termos são utilizados como sinônimos. Torna-se relevante refletir sobre a escolha de nomenclaturas, usando



o glossário e a Introdução da CDD, e comparando com definições de dicionários especializados de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

No glossário da CDD, notação é apresentada como “números, letras e/ou símbolos usados para representar as divisões principais e subordinadas de um esquema de classificação” (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lxxviii). No caso, são os algarismos arábicos definidos a partir das classes principais e suas divisões. A notação indica o sentido exclusivo daquela classe e sua relação com as outras, proporcionando uma linguagem universal para identificá-la junto aos seus assuntos.

Definições muito semelhantes são utilizadas por Cunha e Cavalcanti (2008) e Buonocore (1976), sendo que, para os primeiros, notação possui uma definição mais complexa, envolvendo as regras de aplicação que permitem a representação temática. Já ao tratar do processo de construção, o próprio instrumento, no termo síntese notacional, remete para o termo construção de número. Consta: “o processo de construção de um número é feito adicionando a notação de tabelas e de outras partes do esquema principal a um número base” (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lxxviii).

Sendo assim, notação se apresenta como um termo genérico para as partes que compõem um número de classificação e, o número em si, seria o produto do processo de tradução, que é o produto final. Ou seja, o número de classificação seria composto por um número base acrescido de notações, sejam elas das próprias classes principais ou das tabelas. Tal explicação consta na definição de Buonocore (1976), que caracteriza o número de classificação como a ‘assinatura temática’ do livro, sendo um símbolo, uma área do conhecimento (ou disciplina), de acordo com um esquema de classificação. Esse conceito também foi sintetizado pelo Glossário de Biblioteconomia e Ciência da Informação, do grupo *Librarianship Studies & Information Technology*, conforme segue:

Número de classificação é um número (números ou combinação de letras e números) que representam o assunto ou forma de um item a ser catalogado, selecionado a partir de um esquema de classificação ou sistema de classificação específico. O número de classificação também é chamado de número de classe ou marca de classe. É a primeira parte do número de chamada, que é utilizado para classificar os recursos da biblioteca por área temática. Em relação a localização relativa, o número de classificação também mostra a localização do item nas prateleiras e em relação a outros assuntos. Ele traduz o nome do assunto específico para a



linguagem artificial da notação do esquema de classificação. (Librarianship Studies & Information Technology, 2021, tradução nossa).²

Considerando o exposto, nesse trabalho optou-se pelo uso dos termos construção de número e número de classificação, pois entende-se os mesmos representam, de forma geral, tanto o processo de classificação quanto o produto construído.

3.1 Classificação Decimal de Dewey

O sistema de classificação mais utilizado no mundo é a Classificação Decimal de Dewey, tendo servido de base para a elaboração de outros sistemas de classificação, como a Classificação Decimal Universal (CDU) (Piedade, 1983). É difícil encontrar dados atualizados com o número de bibliotecas brasileiras que fazem uso do referido sistema. Na mesma direção, há dificuldade em encontrar dados sistematizados sobre quais e quantas disciplinas, dos cursos brasileiros de Biblioteconomia, focam no estudo do instrumento, quer seja em relação aos aspectos teóricos quanto práticos.

Soma-se o fato da literatura nacional sobre a construção de número, na perspectiva da CDD, ser escassa, como também os debates sobre questões políticas, sociais e científicas que a atravessam serem tímidas. Tornar-se-ia relevante um instrumento de classificação oriundo do sul global, construído a partir da escuta e do diálogo entre profissionais e pesquisadores.

A CDD é um sistema decimal e hierárquico elaborado de acordo com áreas do conhecimento e não por assuntos, visto que, um mesmo assunto pode ser enquadrado em diferentes disciplinas. Por exemplo, o assunto “vestuário” pode se referir a influência psicológica, sendo classificado na classe “psicologia”, especificamente em 155.95, ou, pode se referir aos costumes em vestuário, sendo classificado na classe ciências sociais,

² Classification Number is a number (numbers or a combination of letters and numbers) that represents the subject or form of an item being cataloged, selected from a classification schedule or classification system. Classification Number is also called class number or class mark. It is the first part of a call number which is used to classify library resources by subject area. In a Relative location, Classification Number also shows the place of the item on the shelves and in relation to other subjects. It translates the name of its specific subject into the artificial language of the notation of the scheme of classification. The use of classification number enables library users to browse on shelves to find its materials and also additional items on the same or related subjects, and, to find out what documents the library has on a certain subject.



especificamente em “costumes e aparência pessoal” 391, ou ainda, vestuário em moda, na classe de artes, especificamente em 746.92 (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. xlv).

Por ser decimal, a CDD é dividida em 10 principais áreas, que se tornam classes, e são divididas em 10 divisões, cada divisão em 10 seções e, cada seção, em 10 subseções consecutivamente. Essa divisão ocorre de forma hierárquica dos assuntos mesmo que não tenham sido utilizados todos os números da divisão anterior. As classes formam cadeias hierárquicas de assunto, em que, quanto maior o número dentro da classe, mais específico ele será na cadeia.

As classes principais e suas divisões são estruturadas em dígitos de 0 a 9, sendo esses completados com zero até formar o mínimo de 3 algarismos. Por exemplo 500, em que 5 na primeira posição representa a classe principal, Ciências Matemáticas e da Natureza, e os zeros 00 apenas completam o número. Já na divisão, 510 representa Matemática, 520 representa Astronomia, 530 representa Física. Os números 53 representam a divisão Física dentro da Classe 500 e o 0 completa o número. Seguindo assim, 531 representa a área de Mecânica Clássica dentro da Física, já 532 representa a Mecânica dos Flúidos também na Física. Nesse caso, Mecânica Clássica e Mecânica dos Flúidos estão no mesmo nível, não possuindo uma relação hierárquica entre os assuntos, mas são números coordenados, pois ambos estão subordinados à Física, formando uma cadeia hierárquica. Com a especificação dos assuntos, números com mais de 3 dígitos são formados e, nesses casos, a CDD indica a utilização de um único ponto entre o terceiro e o quarto dígitos (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. xlvi).

A força hierárquica recai sob cada classe, ou seja, tudo o que é válido para as classes principais é válido para as suas divisões, logo, toda nota referente à natureza de uma classe aplica-se a todas as classes subordinadas. Essas notas costumam estar nas classes mais gerais, tornando necessário quem classifica utilizar o esquema de classificação subindo e descendo nas cadeias, para compreender a força hierárquica. Além da estrutura, também há a hierarquia notacional que é expressa pela extensão da notação, ou seja, pelo número de algarismos significativos, em que, quanto maior o número de algarismos, mais específico é o assunto hierarquicamente.

Também há outros dispositivos que indicam a hierarquia na CDD, como os cabeçalhos duplos, quando um tema subordinado é a parte principal do assunto; o



assunto como um todo e o tema subordinado como um todo compartilham o mesmo número. Há ainda a referência ver, que leva o/a classificador/a para outra subdivisão fora da hierarquia e o cabeçalho centralizado constitui um desvio significativo da hierarquia. É utilizado para indicar e relacionar estruturalmente um par de números que, juntos, formam um único conceito, para o qual não existe uma notação hierárquica específica. Esses cabeçalhos são indicados pelo símbolo matemático maior (>).

É possível observar as nuances conceituais marcadas pela estrutura hierárquica de sistemas bibliográficos e as implicações em termos de dominância e subordinação, que caracterizam classificações bibliográficas de base enumerativa, como a CDD. No referido sistema, os assuntos podem se relacionar com diferentes disciplinas e, para a sua representação, somente uma notação é gerada. A seguir serão abordadas as modalidades de construção de assunto no instrumento em foco.

3.2 Construção de Assunto pelo Número de Classificação na CDD

A análise de um documento, com fins classificatórios, muitas vezes perpassa a sintetização de mais de um assunto, entretanto, apenas um número deve ser elegido para representá-lo. O número será um dos elementos a compor a localização física do documento no acervo.

Por sua vez, conforme consta na Introdução da CDD, a especificação é entendida como precisão e realizada pela construção de números (*number building*), conforme segue direcionamento:

[...] para chegar ao número preciso de uma obra, será necessário construir ou sintetizar um número que não estará especificamente impresso nas listagens. Esses *números construídos* [*built numbers*] permitem maior aprofundamento da análise do conteúdo. São empregados somente quando as instruções das listagens os possibilitam (exceto nas subdivisões padronizadas [...]). A construção de números começa por um número básico (sempre explicitado na nota de instrução), ao qual se acrescenta um outro número.³ (Dewey Decimal Classification, 2011, p. lviii, v. 1, tradução nossa, itálico do instrumento)

³ [...] will often find that to arrive at a precise number for a work it is necessary to build or synthesize a number that is not specifically listed in the schedules. uch *built nunibem* allow for greater depth of content analysis. They are used only when instructions in the scheddes make them possible (except for standard subdivisions [...]). Number building begins with a base number (always stated in the instruction note) to which another number is added. (Dewey Decimal Classification, 2011, p. lviii, v. 1).



Cabe destacar o termo documento ter sido preterido nesse trabalho no lugar de obra, por conta da relação concreta/abstrata envolvida. Já o entendimento do termo *schedules*, traduzido como listagem (de números de classificação), equivale a todo o esquema principal, portanto, tudo o que segue hierarquizado nas dez classes principais. Ainda não se pode perder de vista que *schedules* e *tables* (tabelas) são partes numéricas do instrumento, mas com funções distintas.

Retomando a citação acima, sobre números construídos (*built numbers*), desperta atenção a indicação do processo ser realizada do instrumento para a análise do conteúdo e não o contrário. Dito de outra forma, não é o número construído que deve permitir o aprofundamento da análise, porque ela deveria partir do documento para o instrumento, e não o contrário.

Ainda de acordo com a citação supracitada, os verbos construir e sintetizar são empregados como sinônimos. Sendo assim, a construção de um número de classificação ou síntese, sempre será feita, a partir, de um número base da listagem/esquema (*schedules*), acrescido de um número complementar, podendo ele ser oriundo tanto da listagem/esquema (*schedules*), quanto das tabelas (*tables*). Assim sendo, na introdução da CDD, são apresentadas quatro formas para construir números por meio das sínteses. São elas: (A) Subdivisão-Padrão da Tabela 1; (B) Tabelas 2 - 6; (C) utilizando outras partes do esquema/listagem; e (D) adicionando tabelas no esquema/listagem (Classificação Decimal de Dewey, 2011). A seguir cada uma é apresentada.

(A) Acréscimos a partir de Subdivisão-Padrão da Tabela 1

A tabela 1 pode ser usada após um número da listagem/esquema, com exceção de casos em que haja notas específicas para não uso. Essa tabela define as subdivisões padrão, que representam formas físicas ou abordagens que se repetem em diferentes áreas do conhecimento, logo, podem ser utilizadas na maior parte dos números oriundos do esquema. Um exemplo é o termo periódico (Tabela 1 -05), que é um assunto secundário, ou seja, periódico exige a especificação do assunto principal, como periódico de Psicologia 150.5 ou periódico de Ecologia 577.05. Nesses casos, Psicologia 150 e Ecologia 577 são os assuntos principais retirados do esquema principal, enquanto periódico T1 -05, atua como assunto complementar, retirado da tabela 1. Assim, permite a construção dos números específicos (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lix). Relevante pontuar periódico ser uma tipologia documental e não um assunto.



Ao utilizar a tabela 1 na construção de números, quem classifica não deve acrescentar mais de um zero ao acoplar ao número base o número da subdivisão padrão (tabela 1), a menos que seja instruído a fazê-lo pela listagem/esquema. Subdivisões padrão podem ser listadas nos esquemas quando as subdivisões têm significados ampliados ou restritos. O zero é utilizado para evitar inconsistências na construção de números por síntese, ou seja, um número construído não pode representar mais de um assunto no sistema. A quantidade de zeros é indicada no próprio esquema, nos sumários das classes e suas subdivisões, sendo importante verificar as instruções de uso na própria classe.

Quando a notação de subdivisão padrão da Tabela 1 estiver listada nas Tabelas 2-6, e em partes do esquema, todas as notas e subdivisões da notação conforme fornecidas na Tabela 1 são aplicáveis, a menos que outras instruções sejam fornecidas. Nesses casos é importante confirmar na listagem/esquema as instruções sobre o número de zeros a serem utilizados. Faz-se a ressalva do referido dígito ser diferenciador entre a construção e o número que já estiver pronto na listagem, bem como proporcionar a ordenação dos documentos no acervo primeiro pelos atributos gerais da própria T 1. Exemplo: -05 (periódico) em Psicologia 150.5 ou Ecologia 577.05 é atributo padrão que antecede a ordenação dos demais assuntos relacionados pelo esquema.

Além disso, o uso das subdivisões padrão se dá em documentos que se aproximem da totalidade do assunto tratado, não sendo utilizados em especificações dos assuntos. Por exemplo, em um trabalho que trate sobre a população de *Mockingbirds* (tipo de ave da família *Mimidae*) da Califórnia, o ideal, segundo as instruções na própria classe, seria classificar em 598.844 (número no esquema principal para a família dos *Mimidae*, que os *Mockingbirds* fazem parte), não sendo indicado o uso da subdivisão padrão de lugar + tabela 2 para tentar construir um número que especifique a Califórnia 598.84409794. De modo geral, não se adiciona múltiplas subdivisões padrão ao mesmo número, exceto quando instruído a fazê-lo, em casos específicos (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lixi).

(B) Acréscimos a partir das Tabelas 2 - 6

As tabelas 2 - 6 precisam ter alguma indicação de uso, podendo estar diretamente na classe da listagem/esquema, ou, ser indicada a partir de outra tabela. Algumas



características do uso dessas tabelas na construção de números dizem respeito as propriedades de cada uma, conforme seguem as explicações.

A tabela 2, por exemplo, é uma tabela específica para área geográfica, períodos históricos e biografia, e por conta disso, ela pode ser usada nas mais variadas classes, podendo ser indicada diretamente em nota na classe, ou, então sendo acoplada ao número principal a partir do uso da tabela 1 (T1 -09) - que pode ser utilizada em qualquer número do esquema, a não ser que tenham instruções específicas para não utilização - em uma síntese tripla. Por exemplo, “o ensino de leitura nas escolas primárias da Austrália” é classificado em 372.40994 (372.4 ensino de leitura nas escolas primárias + T1 -09 História, tratamento geográfico, biografia + T2 -94 Austrália) (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lixii).

Já a tabela 3 é específica para complementar assuntos em literaturas individuais, literatura específica e formas em literatura, sendo assim, utilizada, na classe 800, geralmente, complementando números de literaturas de línguas específicas em 810-890. Enquanto a tabela 4 é específica para linguagens, sendo assim, utilizada na classe 400, geralmente, complementando números que designam famílias de línguas e línguas específicas em 420 - 490.

A tabela 5 é específica para grupos étnicos e nacionais podendo ser acoplada diretamente ao número da listagem/esquema, quando indicado por nota, ou então, adicionada através da subdivisão padrão da tabela 1 (T1 -089). Por exemplo “Artes cerâmicas de artistas chineses” é classificado em 738.089951 (738 Artes cerâmicas + T1 -089 Grupos étnicos e nacionais + T5 -951 Chineses) (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lixiii).

Por fim, a tabela 6 é utilizada a partir de notas, em conjunto com a tabela 4, para especificação de idiomas, pois fornece a base para a construção de um número de idioma específico em 490 (outras línguas) e, também, em 890 (outras literaturas), visto que não há estruturação nas classes 400 e 800 de todas as línguas e literaturas de línguas. Além disso, a mesma é utilizada junto com a tabela 2 nas regiões T2 -175, onde predominam idiomas específicos, ou, em outros pontos das tabelas que indiquem seu uso. Com o propósito de esquematizar as formas apontados acima, segue esquematização no quadro 1.



Quadro 1 - Sistematização de atributos das Tabelas 1 – 6

| Tabelas | Atributo(s) caracterizante(s) | Principais vínculos para a construção |
|---------|--|---|
| T1 | Subdivisões padrão - <u>Forma</u> | Usada como tabela de acréscimo a outras, a partir dos números: -089: para empregar a T5; -09: para empregar a T2. |
| T2 | Áreas geográficas, períodos históricos e biografia - <u>Lugar / tempo / biografia</u> | Se necessário, usar a T1, mas observar o algarismo zero. |
| T3 | Literaturas individuais, específicas e formas em literatura - <u>Literatura / artes</u> | Única tabela com subdivisão (T3A, T3B e T3C); T6 tem função complementar. |
| T4 | Linguagem <u>Expressão / escrita</u> | T6 tem função complementar. |
| T5 | Etnia, nacionalidade – <u>Pessoas</u> | Se necessário usar a T1, mas observar o algarismo zero. |
| T6 | Idioma – <u>Expressão / escrita</u> | Se necessário, usar a T2, nas regiões -175, onde predominam idiomas específicos. |

Fonte: as autoras

(C) Acréscimo a partir de outras partes do esquema/listagem

Esse tipo de construção se dá quando é utilizado dois números oriundos do esquema/listagem, sendo um como assunto principal (número base) e outro como assunto secundário. Há muitas formas desse tipo de construção de número se dar, no entanto, é imprescindível que o mesmo seja feito a partir de instrução, direta por nota, na hierarquia do esquema principal. Essas notas se caracterizam pela expressão *'Add to the base number'* (assunto principal) *'the notation'* (intervalo de números do esquema/listagem que é permitido o acoplamento como assunto secundário).

Em muitos casos, parte de um número pode ser adicionada a outro número e não o número inteiro, isso também é definido na instrução. Por exemplo: 372.011 Ensino primário para objetivos específicos - adicione ao número base 372.011 os números seguintes a 370.11 em 370.111-370.119, por exemplo, educação de caráter 372.0114. Neste exemplo, 4 vem de 370.114 Educação moral, ética e de caráter. Às vezes, os números são retirados de mais de um lugar; nesses casos, o procedimento para a segunda adição é o mesmo que para a primeira (Classificação Decimal de Dewey, 2011, p. lixiii).



(D) Acréscimo a partir de adição por tabelas no esquema/listagem

As tabelas de acréscimo que existem no próprio esquema são indicadas por asterisco no número e por instrução em nota de rodapé da página, indicando a tabela a ser usada e onde ela se encontra no esquema/listagem. Ou seja, ela funciona como um direcionamento, dentro do próprio esquema/listagem, que permite a quem classifica sair da hierarquia em que está para buscar o assunto secundário, ou, a especificação do assunto em outra parte da hierarquia, de forma controlada.

Isso se dá, pois, algumas especificações de assunto ocorrem em diferentes classes dentro da hierarquia. As notas de acréscimo de subdivisões indicam quais termos de um cabeçalho de termos múltiplos é possível aplicar subdivisões. Nesses casos, as tabelas de adição evitam a redundância do esquema. Por exemplo, na classe da saúde é comum que algumas especificações de assunto permeiem diferentes classes na hierarquia, como no caso de fisiologia 612, em que um cabeçalho centralizado indica as especificações em 612.1-612.8, que podem ser usadas em todo o desdobramento da hierarquia de 612. Assim, para não haver o desdobramento dessas especificações em todos os números é acrescentado um asterisco e uma nota que permite as especificações serem acrescentadas, como instruídas, em outra parte do esquema.

Cabe ressaltar as tabelas de acréscimo não serem as mesmas já apresentadas em T 1 – 6. Compreende-se que todas as formas de acréscimo autorizadas também são formas para construções de assuntos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo não teve a pretensão de sistematizar todas as regras e orientações presentes na Introdução da 23ª edição da CDD. Ele centrou no esforço de levantar elementos para subsidiar o entendimento inicial para a construção de números, que envolve a construção de assuntos. Portanto, o foco foi levantar as quatro formas de construção (de números) autorizadas pelo próprio instrumento, objetivando auxiliar o entendimento das regras. Por sua vez, o pleno entendimento subsidia as análises críticas, propiciando a identificação de limitações e visando ações futuras, para quiçá um dia, seja possível a elaboração e construção de um (ou vários) instrumento(s) que atenda(m) às necessidades de bibliotecas brasileiras.



É possível afirmar que a construção de números pela CDD só pode ocorrer por quatro formas: Subdivisão-Padrão da Tabela 1; Tabelas 2 - 6; utilizando outras partes do esquema/listagem; e adicionando tabelas no esquema/listagem. São formas de especificar um número de classificação, que é principal, e a partir dele adicionar o que é secundário, nessa ordem, sem inversão.

Outro ponto levantado foram duas nomenclaturas - número de classificação e notação - utilizadas na Introdução da CDD sem aprofundamento. Para tanto, recorreu-se as definições do glossário e de dicionários, mas, a discussão deve ser aprofundada, havendo no instrumento outros termos que podem gerar debates tanto quanto em relação as definições quanto aos usos.

Buscou-se apresentar a classificação na perspectiva de um instrumento específico, mas não se pode perder de vista a importância da política de classificação, que perpassa o entendimento do processo para além de um simples número.

Almeja-se que críticas continuem sendo realizadas para que ações, em um futuro próximo, envolvam a estruturação de instrumento(s) com representatividade do sul global. Para além disso, propostas de cunho pedagógico também sempre são relevantes, pois o conhecimento sobre classificação ultrapassa a aplicação do instrumento.

Criticidade é uma característica importante a qualquer profissional, sobretudo, quando capaz de construir uma política de classificação, levando em consideração as necessidades e potencialidades do acervo e da comunidade usuária.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.
- BONOTTO, M. E. K. Para entender a Classificação Decimal de Dewey. In: FERREIRA, Glória I. Sattamin; BONOTTO, Martha E. K. (Orgs.). **Organização da informação: textos didáticos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. p. 17-30.
- BUONOCORE, D. **Diccionario de Bibliotecología**. 2 ed. [Buenos Aires]: Marymar, 1976. 466 p.
- CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.



DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and relative index**. 23 ed. Dublin: Online Computer Library Center, 2011. v.1-4.

DEWEY, M. Introduction to the Dewey Decimal Classification. *In*: DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and relative index**. 23 ed. Dublin: Online Computer Library Center, 2011. v.1. p. xliii – lxxi.

DEWEY, M. Glossary. *In*: DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and relative index**. 23 ed. Dublin: Online Computer Library Center, 2011. v.1. p. lxxiii - lxxxii.

FERREIRA, V. S.; SALES, R. Classificação das artes no sistema decimal de Dewey: reflexões sobre sua gênese e seu uso. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, v. 20, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/123445> . Acesso em: 20 jun. 2024.

LENTINO, N. **Classificação Decimal**: teoria, prática, comparada. São Paulo: LEIA, 1959. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/23819> . Acesso em: 2 jun. 2024.

LENTINO, N. Considerações gerais sobre a 18.^a edição da classificação decimal de Dewey. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973.

Librarianship Studies & Information Technology, [s. l.], 09, mai. 2021. Disponível em: <https://www.librarianshipstudies.com/2015/04/glossary-of-library-information-science.html> . Acesso em: 10 mai. 2024.

MIRANDA, M. L. C.; CABAN, F. M. Proposta de expansão da classe espiritismo na classificação decimal de Dewey. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, n. 1, 2020. DOI: 10.21728/logeion.2020v7n1.p107-132. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5413>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MIRANDA, M. L. C.; SILVA, F. G. Religião e cultura periféricas: a representação do islamismo na classificação decimal de Dewey. **Logeion: filosofia da informação**, v. 5, n. 2, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v5n2.p86-120. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4649>. Acesso em: 2 jul. 2024.

NOVAES, F. C. P.; MOREIRA, W.; MORAES, I. S. Ontogenia da divisão 780 (música) na classificação decimal de Dewey. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 25, n. 2, 2019. DOI: 10.54886/scire.v25i2.4633. Disponível em: <https://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4633>. Acesso em: 2 jul. 2024.

NOVAES, F. C. P.; MOREIRA, W. Ontogenia do assunto música na classificação decimal de Dewey: uma análise da divisão 780. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, v. 21, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/1987d337-b7f2-42f7-bebd-43b2e666c931> . Acesso em: 20 jun. 2024.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.



RIZZI, I. R. F. [A classificação decimal de Dewey e a cultura de paz](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net). **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, v. 8, 2007. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SIMÕES, M. G.; BRAVO, B. R.; PESTANA, O. Representação do conceito de mulher na classificação decimal Dewey (cdd) e na classificação decimal universal (cdu): duas perspectivas sobre o mesmo conceito? **Liinc em revista**, v. 14, n. 2, 2018. DOI: 10.18617/liinc.v14i2.4340. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4340/3943>. Acesso em: 20 jun. 2024.

UMBELINO, M.; AGANETTE, E. C. Classificação decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da ufmg. **Biblionline**, v. 13, n. 3, 2017. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net>. Acesso em: 2 jun. 2024.

VOGEL, M. J. M.; PAZOS, J. M. Classificação Decimal de Dewey: uma análise das regras de construção de notação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. l.], v. 20, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1890>. Acesso em: 15 mai. 2024.